



RELISE

**CONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS E ECOSISTEMAS
EMPREENDEDORES: ALGUMAS APROXIMAÇÕES NECESSÁRIAS¹**

*TERRITORIAL CONFIGURATIONS AND ENTREPRENEURIAL
ECOSYSTEMS: SOME NECESSARY APPROXIMATIONS*

Daniel Gustavo Fleig²

Marcia Regina Ferreira³

RESUMO

O presente ensaio propõe as configurações do território como necessária aos estudos referentes aos Ecossistemas Empreendedores (EEs), visando abordar tanto a ação do empreendedor como o contexto dos agentes e das interações. Aos compreendermos os EEs no plural das configurações territoriais, toma-se as dinâmicas dos agentes na construção de políticas públicas para as micro e pequenas empresas, informais. Neste sentido, o empreendedorismo é considerado como uma ferramenta importante para a resolução de problemas sociais, de engajamento de grupos e de desenvolvimento econômico. Contudo os índices do contexto para o empreendedorismo no Brasil, trazem a urgência de novas abordagem dos EEs, com destaque no contexto do desenvolvimento econômico e social. Para tanto, o objetivo deste ensaio é compreender os ecossistemas empreendedores a partir das configurações territoriais, refletindo suas relações e complementariedades, e as contribuições à pesquisa acerca do papel do empreendedorismo na sociedade brasileira. Para tanto, realizamos uma discussão a partir de autores brasileiros e latinoamericanos, destacando a territorialidade como uma ferramenta necessária para auxiliar a compreensão desse fenômeno, servindo de laboratório para os empreendedores, gestores públicos e pesquisadores. Também refletimos sobre as condições sistêmicas para o empreendedorismo considerando as contribuições de indicadores locais, como o IDMPE (Índice de Desenvolvimento Municipal das Micro e Pequenas Empresas. Por fim, consideramos que para a abordagem dos ecossistemas empreendedores, é mister pensarmos na configuração territorial e nas políticas públicas, como elementos basilares na construção de uma sociedade brasileira, mais inclusiva dos plurais de empreendedorismo.

¹ Recebido em 07/04/2023. Aprovado em 12/04/2023. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.8197026

² Universidade Federal do Paraná. fleig@ufpr.br

³ Universidade Federal do Paraná. marciareginaufpr@hotmail.com



RELISE

82

Palavras-chave: configurações territoriais, ecossistemas empreendedores, IDMPE, desenvolvimento econômico e social.

ABSTRACT

This essay proposes territory configurations as necessary for studies related to Entrepreneurial Ecosystems (EEs), aiming to address both the entrepreneur's action and the context of agents and interactions. By understanding the EEs in the plural of territorial configurations, the dynamics of the agents in the construction of public policies for micro and small, informal companies are taken into account. In this sense, entrepreneurship is considered an important tool for solving social problems, engaging groups and economic development. However, the indexes of the context for entrepreneurship in Brazil bring the urgency of new approaches to EEs, with emphasis on the context of economic and social development. Therefore, the aim of this essay is to understand entrepreneurial ecosystems from territorial configurations, reflecting their relationships and complementarities, and contributions to research on the role of entrepreneurship in Brazilian society. To do so, we held a discussion based on Brazilian and Latin American authors, highlighting territoriality as a necessary tool to help understand this phenomenon, serving as a laboratory for entrepreneurs, public managers and researchers. We also reflect on the systemic conditions for entrepreneurship, considering the contributions of local indicators, such as the IDMPE (Municipal Development Index for Micro and Small Companies). public policies, as basic elements in the construction of a Brazilian society, more inclusive of the plurals of entrepreneurship.

Keywords: territorial configurations, entrepreneurial ecosystems, IDMPE, economic and social development.

INTRODUÇÃO

O tema empreendedorismo, enquanto fenômeno vem sendo refletido e considerado um estudo relevante diante dos cenários que vivemos (desemprego, subnutrição, fome, racismo, violência e todos os demais problemas brasileiros já conhecidos). No entanto, embora as discussões sobre empreendedorismo não sejam recentes no Brasil e tenhamos o monitoramento do GEM (Monitoramento Global do Empreendedorismo), o qual apresenta elementos interessantes para pensarmos o empreendedorismo e seu contexto,



RELISE

Gimenez et al (2022) abordam o Índice do Contexto Nacional de Empreendedorismo (NECI), revela-nos que o Brasil constava em 2020, com o índice de 4,0 na escala de 0 a 10, e esse resultado coloca-nos em 43º lugar entre 54 economias que participaram da pesquisa.

Observa-se que o tema empreendedorismo é importante e relevante, no entanto, ao pensarmos no Brasil dentro da América Latina, mesmo considerando as características similares dos países que foram invadidos e colonizados, o resultado do NECI, demonstra que o contexto para empreender no Brasil, encontra-se em uma situação de atenção. Nas pesquisas, o Brasil fica atrás do México, Chile, Colômbia e Equador ao se considerar o contexto do empreendedorismo. Diante desses desafios, destacam-se a relevância da relação entre empreendedorismo e configuração territorial, visto que os estudos e pesquisas ainda se apresentam de forma escassa, dispersa e pouco integrada, em especial, quando nos debruçarmos sob os estudos de Ecosistema Empreendedor.

Para Gimenez (2022), as reflexões sobre o ecossistema empreendedor, ainda focam muito no empreendedor de uma forma individual, não enfatizando a construção social de coletivos empresariais, que poderiam evoluir para coletivos cidadãos. Para o autor, os coletivos de cidadãos, poderiam criar um ambiente favorável, não só para as atividades empreendedoras, mas também seriam capazes de gerar uma dignidade de vida, ao fornecer renda básica para cada cidadão em seu território.

Neste sentido, para Neves e Davel (2021), o empreendedorismo é considerado uma ferramenta importante para a resolução de problemas sociais, de engajamento de grupos e de desenvolvimento econômico. Para os autores, a territorialidade aparece como uma perspectiva necessária para auxiliar a compreensão desse fenômeno, servindo principalmente de laboratório para os empreendedores. Este território (o chão vivido) é também o local, no qual os



RELISE

empreendedores podem colocar em prática suas idéias inovadoras, gerando a economia da inovação, da solidariedade, da fonte de renda e do desenvolvimento social e local.

Diante deste contexto, três perguntas orientam as reflexões do presente ensaio que são: O que são os ecossistemas empreendedores? Como as configurações territoriais podem colaborar para avançarmos nos estudos acerca dos ecossistemas empreendedores? Porque políticas públicas e visão sistêmica são tão necessárias para pensarmos os ecossistemas empreendedores? Portanto, o objetivo deste ensaio é compreender os ecossistemas empreendedores a partir das configurações territoriais, refletindo suas relações e complementariedades, e as contribuições à pesquisa acerca do papel do empreendedorismo na sociedade brasileira.

Quanto à estrutura do ensaio, a partir das perguntas e objetivo propostos acima, além da presente introdução, está organizado em quatro seções. Na segunda seção, abordam-se os conceitos de ecossistemas empreendedores, no plural, a partir de autores brasileiros e latino-americanos. Em seguida, abordamos o tema da configuração territorial, acerca dos agentes, das interações, a partir de uma abordagem sistêmica do todo. Na quarta seção, refletimos sobre as condições sistêmicas para o empreendedorismo considerando as contribuições de indicadores locais, como o IDMPE (SEBRAE-PR, 2012). Por fim, nas considerações finais, discutimos sobre a abordagem dos ecossistemas empreendedores, e como é mister pensar na configuração territorial e as políticas públicas, como elementos basilares para a construção de uma sociedade brasileira mais inclusiva e plural.



RELISE

ECOSSISTEMA EMPREENDEDOR OU ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES?

O conceito de Ecosistema Empreendedor (EE) é relativamente novo, por isso ainda é um campo em construção, e vem gerando diversas definições. De acordo com o estudo realizado por Garcia et al (2018), há disparidades e convergências que amalgamam este termo. No entanto, os autores destacam que é possível construir alguns contornos de conhecimento ao EE como: “o conjunto de atores, fatores, relacionamentos e processos que agem e interagem moldando as condições para a criação, desenvolvimento e expansão de empresas em um espaço geográfico específico”.

Para os autores, ainda que reconheçamos o contexto “local” e seu impacto significativo nos processos de criação e manutenção de novos negócios, mesmo com esse olhar para o território, muitas ausências, principalmente de certos recursos nesses espaços, os quais costumam ser críticos. Nestes contextos onde o EEs estão inseridos, em territórios que se encontram pouco desenvolvidos ou com vulnerabilidade social, questões como miséria, violência e desigualdades sociais, não fazem parte das abordagens do contexto empreendedor (GARCIA ET AL, 2018).

Dentro deste contexto, Alves, Fischer e Queiroz (2019) abordam que o discurso dominante sobre os ecossistemas de empreendedorismo enfatiza o perfil de algumas localidades com reconhecido histórico de sucesso. Esta miopia tem dificultado uma compreensão mais aprofundada dos mecanismos econômicos que moldam as tendências evolutivas nas atividades empreendedoras e como elas operam em distintos territórios.

Para Gimenez et al (2022), embora a ideia de ecossistemas empreendedores possa parecer próxima às noções de Arranjo Produtivo Local (APL) ou ecossistemas de inovações, é importante observar que existe uma distinção entre esses campos de estudo, de ação empreendedora e de governo.



RELISE

Para os autores, a principal distinção nesse campo de estudo, está relacionada entre algumas denominações ou conceitos. Sendo elas:

a) **Os APLs**, referem-se a aglomerações de um setor produtivo em que estão presentes outras organizações de apoio e infraestrutura, já a abordagem dos Ecosistemas de Empreendedores, é variavelmente, multissetorial e foca nas condições que permitem às pessoas empreenderem;

b) **O Ecosistema de Inovação**, também se diferencia dos **Ecosistemas Empreendedores (EE)**, pois os estudos de Ecosistemas de Inovação consideram aspectos contextuais e institucionais de determinadas regiões. Já nos estudos do EE, o foco está nas relações, na forma como os fatores ambientais estão favoráveis, ou seja, nesse campo de estudo, o meio territorial importa, pois estimulam ou inibem à ação empreendedora.

Os autores destacam, que existe uma tendência de se valorizar a ação empreendedora baseada na inovação como cerne das políticas públicas voltadas para o fomento do ecossistema empreendedor. No entanto, pode-se considerar que os EE se diferenciam de outras abordagens sistêmicas do campo de estudo do empreendedorismo, pois têm seu foco na atividade empreendedora, mas ao fazê-lo considera os fatores locais e regionais desse meio territorial (ambiente empreendedor). Os Ecosistemas empreendedores, no plural, são característicos de cada região, podendo variar em sua dinâmica em cada localidade. No entanto, há elementos que são comuns, como a interdependência e as interações entre as condições estruturais, a cultura local e os ambientes geográficos (GIMENEZ et al, 2022).

Essa abordagem sistêmica dos EEs traz uma visão para além do econômico, pois aborda o desenvolvimento das pessoas, das redes e das instituições de determinado território, a partir de políticas públicas e governança relacional que visam o desenvolvimento social e econômico. Desta forma, as discussões sobre os EEs, apontam para a importância de políticas públicas,



RELISE

capital social e governança, onde esses elementos vão sendo regulados por meio de normas cooperativas compartilhadas e com rotinas informais que são mutuamente definidas e ajustadas de forma orgânica, pelos atores que compõem o sistema.

É possível identificar que os EEs são dinâmicos e que essa dinâmica se estabelece por meio das redes de relações nos territórios. Desta forma, é interessante considerarmos que ao estudarmos os territórios, temos também uma diversidade de ações empreendedoras, ou seja, temos várias concepções de empreendedorismo a partir do território vivido.

Dentro deste contexto dinâmico e, compreendendo o território como uma construção socializada, Neves e Davel (2022) abordam a territorialidade a partir de distintas categorias territoriais em relação a tipos específicos de empreendedorismo (Quadro 1). Os autores, argumentam que é possível observar a convergência para preocupações territoriais voltadas sobretudo para questões econômicas, sociais e ambientais nas concepções/tipos de empreendedorismo.

Considerando o território como dinâmico e heterogêneo, os estudos de Neves e Davel (2022) contribuem para as configurações territoriais e os ecossistemas empreendedores, por relacionarem as concepções do empreendedorismo e as categorias territoriais, abordando a relevância territorial no e do empreendedorismo. Entre os tipos de empreendedorismo, podemos perceber que ao utilizarmos uma abordagem com diversos tipos e categorias, conseguimos ampliar o olhar acerca do meio territorial. Essas concepções e abordagens de empreendedorismo, ao considerarem a heterogeneidade de nosso país, destacando que a partir das ações empreendedoras, são possíveis a geração de renda e condições sociais viáveis aos povos originários e comunidades tradicionais, por exemplo.



RELISE

88

Quadro 1 -Territorialidade nas Pesquisas sobre Empreendedorismo

Tipos de empreendedorismo	Categoria territorial	Relevância territorial do empreendedorismo
Empreendedorismo Nativo	Território nativo	O território aparece como um espaço a ser explorado de forma sustentável. O empreendedorismo territorial foca na geração de renda e solução de problemas sociais
Empreendedorismo Comunitário	Comunidade	O território aparece como local de desenvolvimento econômico e social. O empreendedorismo territorial é tido como uma ferramenta para amenizar a situação de pobreza das comunidades, que vivem marginalizadas, ajudando a solucionar problemas sociais ignorados pelo governo.
Empreendedorismo Urbano	Cidade, bairro	Foco no território na perspectiva geopolítica, onde o empreendedorismo surge como ferramenta para solução de problemas causados pela injusta provisão de bens e serviços, como problemas ambientais e socioeconômicos. O território serve como laboratório vivo para o indivíduo empreendedor.
Empreendedorismo Rural	Espaço rural	Foco no aspecto econômico do empreendedorismo. O território aparece como fonte de renda e desenvolvimento para a economia rural, através da exploração do espaço físico com o turismo.
Empreendedorismo Étnico	Grupos étnicos	Foco no capital social, onde o território influencia o empreendedorismo e o empreendedor influencia o grupo étnico. O empreendedorismo territorial aparece como forma de desenvolvimento econômico e engajamento dos grupos.
Empreendedorismo Geográfico	Espaço geográfico	O conceito de território aparece como espaço geográfico, moldando o empreendedorismo. O empreendedorismo aparece como atividade social, ligado a cultura através das indústrias criativas.

Fonte: Neves e Davel (2022).

Saquet (2017, p.38), ao pesquisar sobre território, cooperação e desenvolvimento territorial na América Latina, aborda que o tema território por ser amplo e permitir diversas possibilidades de utilização no estudo da realidade, “destacando-se ora os processos culturais, ora os políticos, ora os econômicos e até mesmo os ambientais”. O autor destaca que o tema vem servindo de orientação para estudos de temas bem diferentes e, ao mesmo tempo interdisciplinares, em consonância com a complexidade da realidade. Dentro deste contexto, há também a introdução das políticas públicas ditas territoriais, em especial a partir dos anos 2000, em países como Brasil, Colômbia e Chile,



RELISE

onde o território vem sendo entendido como um conceito de orientação e interpretação e/ou como objeto de estudo e/ou como espaços de mobilizações, luta e resistência política e cultural.

Ainda considerando o território, mas em especial, o meio territorial e seu conhecimento como elementos importantes para pensar os ecossistemas empreendedores, Julien (2010) aborda que os empreendedores e as organizações são condições importantes e necessárias para manter ações empreendedoras duradouras. E o desenvolvimento de um meio empreendedor e inovador constitui a condição necessária, mas não suficiente para assegurá-la. Para o autor, o meio empreendedor é o lugar e, ao mesmo tempo, o mecanismo coletivo, que pode explicar e gerar os diferentes laços sociais e, uma cultura empreendedora dinâmica.

Dentro deste contexto, empreendedores e as diversas instituições territoriais podem fornecer recursos, competências e conhecimentos, normas ou convenções que fomentam este meio, onde o meio é a chave de diferenciação. Assim o meio é a construção social e é também a capacidade de criar sinergias, onde “o empreendedor local é membro desse meio, em virtude de seus laços familiares, de amizade e comerciais.” (...) o empreendedor endógeno e sua organização não existem fora do ambiente próximo e das redes que o constituem (JULIEN, 2010, pg.163). E é por essa razão que não se pode pensar em empreendedores, sem considerar o meio em que este empreendedor está imerso, pois é no território que compartilham cultura, ideias, normas, informações, aprendizados e convenções sociais.

CONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS: AGENTES E INTERAÇÕES

Na seção anterior, abordamos algumas aproximações acerca do conceito dos ecossistemas empreendedores, discutindo-os como um conjunto de atores, fatores, relacionamentos e processos que agem e interagem



RELISE

moldando as condições para a criação, desenvolvimento e expansão de empresas em um espaço geográfico específico, distinguindo-o de arranjo produtivo local ou de ecossistema de inovação. Aqui a proposta é abordar a importância das interações, da interdependência, do território, das políticas públicas, do capital social e da governança relacional, assim como as diversas formas de conceber o território e os estudos sobre empreendedorismo.

Para Sachet (2007), o espaço geográfico, contempla a atuação dos agentes do capital e do Estado, e reconhece também a política, a cultura e a natureza, tanto no espaço como na configuração territorial. O espaço é uma realidade relacional, envolvendo a natureza e a sociedade mediatizada pelo trabalho, assim o espaço é produzido, neste sentido, pelas ações dos homens sobre o próprio espaço, que aparece como paisagem artificial.

Santos (2014) afirma que “a configuração territorial todavia é um todo” e diferencia a paisagem da configuração territorial. Para o autor, a paisagem é o conjunto das coisas que se dão diretamente aos nossos sentidos e “a configuração territorial é o conjunto total, integral, de todas as coisas que formam a natureza em seu aspecto superficial e visível” (SANTOS, 2014, p. 85). Diante do exposto, relacionando Santos (2014) e Sachet (2007, p. 91) “o conceito de território é subjacente, composto por variáveis, tais como a produção, as firmas, as instituições, os fluxos, os fixos, relações de trabalho, etc..., interdependentes umas das outras”. Todas estas variáveis constituem a configuração territorial, que é este conjunto de todas as coisas arranjadas em um sistema, cuja realidade e extensão se confundem com o próprio território de um país.

Em relação aos agentes na configuração territorial para pensar os ecossistemas empreendedores, Bacic (2014) considera alguns agentes no aspecto formal, que possuem um papel relevante, sendo eles:



RELISE

- **Empreendedor ou talentos humanos:** o sujeito que desenvolve e fomenta o ecossistema, viabiliza novos negócios para gerar desenvolvimento econômico, cultural, tecnológico e social;
- **Aceleradoras:** são espaços que nem sempre oferecem um investimento, no entanto, fomentam o empreendedorismo por oferecem mentoria para ajudar a direcionar e encontrar o mercado, além de dar visibilidade aos empreendedores, buscam encontrar investidores;
- **Fontes de Capital:** fontes de recursos para as empresas nascentes, seja na forma de capital de risco ou capital semente. No Brasil, as linhas de crédito são estreitas e de acesso competitivo para as empresas incubadoras ou em início de operação.
- **Incubadoras:** são espaços normalmente vinculados a universidades ou instituições sem fins lucrativos, que acolhem futuros empreendedores que desejam viabilizar os seus empreendimentos, as incubadoras oferecem espaço físico e capacitação. As incubadoras de empresas são muito importantes como elemento de apoio à empresa nascente e podem ter sua sede dentro de uma universidade, seja de pesquisa ou não, ou dentro de dependências facilitadas por uma municipalidade ou por algum programa de governo estadual ou federal. No Brasil, existem redes de incubadoras por estado que se organizam dentro de uma rede nacional. A ANPROTEC (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores) representa os interesses das incubadoras, parques tecnológicos e empresas inovadoras do Brasil.
- **Universidade de pesquisa:** capacitação aos empreendedores, além de ajudar no potencial tecnológico da região; sua importância se deve ao seu potencial para a criação de novas tecnologias e por permitir a combinação de conhecimento de diversas áreas.



RELISE

- **Governo:** pode criar um clima favorável aos empreendedores, diminuir impostos e burocracia e criar programas que favoreçam o surgimento e funcionamento destas empresas. No caso brasileiro, existem agências governamentais que possuem programas de apoio para os empreendedores pagando bolsas, aportando capital e fomentando o capital de risco. Impulsionam o ecossistema empreendedor por meio de programas, políticas específicas ou apoio (financeiro, comunicação, indicadores, governança e visibilidade); fomentam e implementam políticas sociais (educação, saúde, saneamento básico e cultura) assim como políticas de infraestrutura (estradas, energia, telecomunicações) a fim de criar um ambiente adequado ao desenvolvimento do ecossistema empreendedor;

- **Redes de apoio e serviços ou Organizações setoriais:** consiste num conjunto de atores que oferecem serviços profissionais de apoio às empresas provedoras de insumo. O SEBRAE (fomento do empreendedorismo e elaboração de indicadores), Federações da Indústria ou do comércio ajudam a criar e viabilizar programas de integração com outros ambientes econômicos; sendo o SEBRAE a instituição que oferece a mais ampla gama de serviços de apoio aos empreendedores.

- **Comunidade:** participa das ações e da cultura de empreendedorismo se beneficia em vários níveis, desenvolvendo diversas concepções do empreendedorismo (rural, urbano, geográfico, étnico, comunitário e cultural) no território.

Segundo o autor, os elementos que fazem parte de um ecossistema empreendedor são de natureza institucional e relacional e estão inseridos dentro de um ambiente natural e social. Para Cohen apud Bacic (2014, pg 49), “é possível distinguir elementos da rede formal, dos elementos da rede informal”, sendo: a rede informal aquela que representa os amigos, colegas e familiares



RELISE

dos empreendedores e suas eventuais relações com outras empresas; já a rede formal, como citado acima, é constituída por uma diversidade de atores.

Martin e Federico (2020), ao pensarem nos empreendedores, agentes e nas condições sistêmicas para o empreendedorismo nas cidades da Argentina, abordam dez dimensões do empreendedorismo em uma perspectiva dinâmica. Gimenez et al (2022), ao abordar alguns modelos analíticos que implicam sobre o empreendedorismo, destacam o conceito de empreendedorismo dinâmico como aquele que tem maior capacidade “de criar empregos de alta qualidade e contribuir para a diversificação da estrutura produtiva de uma região”.

Kantis, Federico e Garcia (2014), sobre as condições sistêmicas para um empreendedorismo dinâmico (Figura 1), abordam que as ideias predominantes hoje que concebem o empreendedorismo como o resultado de um sistema de fatores inter-relacionados que afetam a quantidade e o perfil da criação de novas empresas, tanto as que conseguem nascer e crescer. Assim, conhecer o estado desses fatores torna-se crucial para desenvolver estratégias e iniciativas favoráveis para o empreendedorismo. A experiência do Prodem (Programa de desenvolvimento do empreendedorismo), na criação do ICSEd-Prodem, é reconhecida como uma ferramenta que permite entender o mapa de pontos fortes, pontos fracos e oportunidades e tendências regionais, colaborando com organizações internacionais, governos e várias organizações gerando informações úteis para uma melhor definição das políticas e programas a fim de estabelecer um ambiente empreendedor favorável.



RELISE

Figura 1 – Condições sistêmicas para o empreendedorismo dinâmico



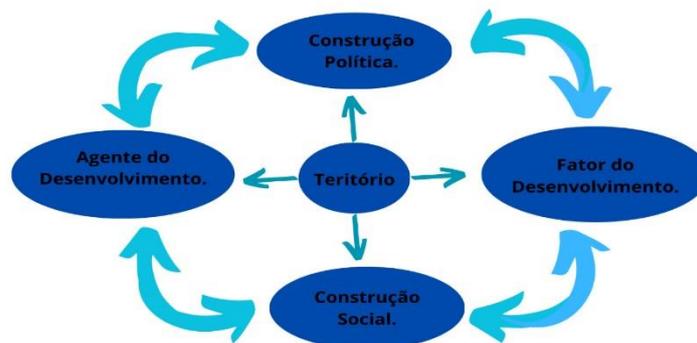
Fonte: Kantis, Federico e Garcia (2014).

Segundo Gonzalez (2013), as interações das dimensões territoriais e propriedades descritas abaixo (Figura 2) inserem o espaço como recipiente de processos de inserção devido a fatores físicos naturais, mas também conteúdo devido à dinâmica de desenvolvimento territorial (construção socializada) que se materializa no conjunto das relações sociais que dão sentido ao espaço geográfico. Para o autor, o diferencial é expresso na transformação constante e dinâmica, e, também no caráter socioeconômico específico de cada território, o que resulta em fatores que caracterizam as condições de vida.



RELISE

Figura 2 – Interações de dimensões e propriedades territoriais para o desenvolvimento



Fonte: Adaptado de GONZALEZ (2013).

Dentro deste contexto, o território sintetiza uma conotação de categorias inter-relacionados (fator, construção social, construção política e agente) que são e também se cruzam na dimensão socioespacial por processos naturais e sociais. A partir dos estudos acerca da territorialidade e do empreendedorismo, os autores propõem que o território seja compreendido de forma integrada, ou seja, como resultado de um conjunto de fatores culturais, políticos e econômicos e não apenas de um ponto de vista isolado ou economicista. A próxima seção abordará sobre indicador desenvolvido pelo SEBRAE – Paraná, a fim de pensarmos o entorno competitivo territorial nos estudos dos Ecossistemas Empreendedores.

AS CONTRIBUIÇÕES DOS INDICADORES LOCAIS: O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (IDMPE).

O IDMPE (Índice de Desenvolvimento Municipal das Micro e Pequenas Empresas), que foi desenvolvido pelo SEBRAE/PR, em parceria com o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), com inspiração no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), elaborado em 1990 pelas Nações Unidas, e que



RELISE

leva em consideração a esperança de vida ao nascer, as taxas de alfabetização, de matrícula e de renda dos cidadãos. Segundo o SEBRAE/PR (2012), o IDMPE tem por finalidade captar o ambiente de negócios do município, considerando três dimensões:

a) Ambiente Empresarial: clima de negócios que favoreça a criação de novos empreendimentos formais, e, a sobrevivência e expansão das empresas instaladas. A captação do ambiente empresarial ocorre por medidores de resultado, ou seja, indicadores que avaliam sobretudo a dinâmica empresarial do município, como a criação e sobrevivência de empresas, a dimensão e evolução dos negócios e o empreendedorismo;

b) Ambiente do Mercado Consumidor: em geral e na média, a micro e pequena empresa tem como mercado principal o município ou o bairro onde opera. São produtos e serviços que atendem ao mercado local. Ainda que exista uma participação importante de MPEs no comércio interregional e internacional, não é regra geral para a realidade do pequeno empreendedor. Assim, a importância do mercado consumidor local é destacada por variáveis que procuram captar sua dimensão e sua dinâmica, com destaque à dimensão da renda pessoal, da massa de salários, da população e a evolução do emprego, dos salários e renda.

c) Ambiente Institucional: nessa dimensão procura-se captar algumas condições prévias e relevantes do entorno municipal que criam as condições favoráveis ao desenvolvimento e competitividade das MPE, como a oferta de infraestrutura, a qualidade da educação, a participação da ciência e tecnologia, a capacidade de investimento público, o associativismo e os mecanismos legais de apoio à atividade econômica.



RELISE

97

Figura 3: Desenvolvimento institucional e o entorno competitivo territorial.



Fonte: Sebrae, 2011.

Para captar cada uma destas dimensões o IDMPE é estruturado por índices parciais que compõem igualmente sua construção:

1 IDE: índice parcial de desenvolvimento empresarial (PIB real, Taxa de crescimento do PIB, Taxa de inatividade, Taxa de criação de estabelecimentos, Taxa de empreendedorismo);

2 IDM: índice parcial de desenvolvimento do mercado consumidor local (Taxa de criação de empregos, Valor adicionado fiscal no comércio, Taxa de crescimento da remuneração total, Remuneração total ponderada, População, Renda per capita)

3 IDI: índice parcial de desenvolvimento do ambiente institucional (Grau de geração de recursos próprios do governo municipal, Pessoal ocupado em CT&I por 10.000 habitantes, Índice de Desenvolvimento de Educação Básica, Correios por 10.000 habitantes, Associativismo, Agências e postos bancários por 10.000 habitantes, Grau de Adoção da Lei Geral e Plano Diretor Municipal).

Composto por esses três indicadores, o IDMPE é um aliado inovador do desenvolvimento local, fruto da análise e cruzamento de dados. O índice foi criado em 2008, foi apresentado como uma ferramenta eficiente e efetiva para



RELISE

medir o ambiente de negócio e para atender o propósito de acompanhar os resultados de implantação da Lei Geral para Micro e Pequena Empresa. Tem desde seu surgimento o propósito de avaliar a efetividade de políticas de desenvolvimento empresarial nos municípios (LEITE, ESTEVES, OZON E MEINERS, 2012).

O IDMPE também foi concebido com o propósito de orientar as estratégias e políticas locais de promoção econômica, com o objetivo de captar as condições favoráveis à implantação e crescimento dos pequenos negócios locais, ou seja, desde 2008, em sua primeira edição, o IDMPE se apresentou como uma ferramenta de apoio na tomada de decisões (SEBRAE, 2012).

Segundo o SEBRAE (2010), este índice é uma ferramenta inovadora que, além de fornecer um raio-x dos ambientes institucional, competitivo e empresarial do município, serve como um balizador para ações focadas no desenvolvimento, a curto, médio e longo prazo. A proposta do Sebrae/PR era a realização um mapeamento dos 399 municípios do estado do Paraná, no entanto, este mapeamento realizou-se somente até 2012.

Por fim, mais importante que construirmos modelos, metodologias, ferramentas de análise dos ecossistemas empreendedores nos territórios, urge apreendermos com as experiências, tanto nacionais como latino-americanas, para efetivamente promovermos o desenvolvimento econômico e social almejados. Torna-se necessário considerarmos as configurações dos territórios, para abordarmos os ecossistemas empreendedores, de forma comparada e histórica, os fatores e agentes promotores do empreendedorismo produtivo e inclusivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, MAS NÃO CONCLUSIVAS.

O ecossistema empreendedor é um conceito criado recentemente, como tal, ainda apresenta alguns desafios de pesquisa e necessita de reflexões e



RELISE

99

discussões a partir da realidade brasileira. Este trabalho procurou contribuir nesse sentido, identificando algumas interdependências, alguns agentes, algumas interações e dimensões que possam contribuir para identificar a heterogeneidade entre os ecossistemas empreendedores. Ampliar o escopo do estudo em ecossistemas empreendedores e suas singularidades, acrescentando as configurações territoriais, poderá ser um elemento importante para avançarmos nos estudos do desenvolvimento de ecossistemas empreendedores futuros.

As metodologias e ferramentas apresentadas no ensaio, tanto o ICSED – Índice das Condições Sistêmicas para o Empreendedorismo Dinâmico como o IDMPE – Índice de Desenvolvimento Municipal das Micro e Pequenas Empresas, contribuem para uma abordagem configuracional dos ecossistemas empreendedores.

Quanto ao IDMPE, destaca-se sua importância para os agentes no Ecossistema Empreendedor, pois tem o potencial de criar uma ferramenta significativa, por avaliar três importantes dimensões do ambiente, que são: Institucional, Mercado e Empreendedorismo. Desta forma, servem de orientação aos comitês gestores municipais e aos agentes de desenvolvimento local, contudo, observa-se a descontinuidade desta importante ferramenta.

Em relação às ferramentas e metodologias, é possível identificar uma perspectiva de governança como construção social que fortalece o tecido social no ecossistema empreendedor local, pois busca a participação e coesão dos agentes, dos grupos, incentivos, controles, construção da estrutura e solução dos conflitos. Desta forma, pensar ecossistemas empreendedores requer pensar uma outra ciência econômica, para pensar de forma sistêmica precisamos quebrar com a abordagem da economia tradicional. Neste sentido, toma-se a governança na relação com o desenvolvimento social, cultural e



RELISE

ambiental, criando coordenação das ações coletivas por meio de processos e estruturas sociais, que sustentam ou não a integração dessas ligações.

Portanto, compreende-se a governança como construída pelos diversos agentes dos ecossistemas empreendedores, onde os governos são agentes importantes para o fortalecimento do tecido social. Com a colaboração entre governo e o setor privado, tem-se as condições sistêmicas para um tecido social mais fortalecido, possibilitando a geração de um meio territorial favorável para as ações empreendedoras.

Embora não tenhamos um fechamento conclusivo, ao abordarmos os ecossistemas empreendedores no plural e a pluralidade de empreendedorismos, considera-se que é mister pensarmos na configuração territorial e as políticas públicas, como elementos basilares para a construção de uma sociedade brasileira mais justa, inclusiva e plural, a qual possa oportunizar uma mudança no índice do contexto nacional do empreendedorismo e conseqüentemente um desenvolvimento social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Andre C; FISHER, Bruno e QUEIROZ, Sergio R. Configurations of knowledge-intensive entrepreneurial ecosystems. **RAE (journal of Business management)**. São Paulo, vol 54, num 4, july-aug, 2019, pp. 242-257.

BACIC, Miguel J. Da oportunidade de pensar no desenvolvimento de um ecossistema empreendedor para os empreendimentos de economia solidária em América Latina. In: Cooperação Sul-Sul e triangular e Economia Social e Solidária. Organização Internacional do Trabalho, Departamento de Parcerias e Apoio aos Programas Exteriores. Genebra; **OIT**, 2014 Pp.43 -55.

GARCIA, Sabrina I., FEDERICO, Juan., ORTÍZ, Mariana, KANTIS, Hugo. ¿El ecosistema o los ecosistemas? Primeras evidencias de un ejercicio de tipologías sobre ciudades de la Provincia de Santa Fe (Argentina). **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, vol. 7 num.3, septiembre -Diciembre, 2018, pp.215-237.



RELISE

101

GIMENEZ, Fernando A; STEFENON. Rafael e JUNIOR INACIO, Edmundo. **Ecosistemas empreendedores: O que são e para que servem?** Curitiba: PUCPress, 2022.

GIMENEZ, Fernando A. Reflections on entrepreneurial ecosystems, Citizen Collectives and basic income. **IBJESB**, vol 11 num 2, may/aug, 2022.

GONZALEZ, Carlos, A.C. Configuración del desarrollo territorial en el contexto de la Nueva Ruralidad en el sur del Estado de México. **Tese** (Universidad Autónoma del estado de México).Toluca, Mexico, 2013.

KANTIS, H.; FEDERICO, J.; GARCÍA, S. I. **Índice de Condiciones Sistémicas para el Emprendimiento Dinámico**. 1. ed. Rafaela: Asociación Civil Red Pymes Mercosur, 2014.

JULIEN, Pierre-André. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

LEITE, Leonardo M.; ESTEVES, Luiz A; OZON, Rodrigo H; MEINERS, Wilhelm M. **IDMPE – Índice de Desenvolvimento Municipal da Micro e Pequena Empresa no Paraná** – Curitiba: Sebrae-PR, 2012. 68 p.

MARTIN, Marisel; FEDERICO, Juan. Especificidades de los Ecosistemas emprendedores locales: Uma mirada sobre tres casos argentinos: In: **25º Reunion Anual Red PyMEs Mercosur** “Redes y conocimientos que impulsan la innovacion y el desarrollo productivo e social. 2020. Disponível no site: <http://redpymes.org.ar/wp-content/uploads/2020/12/Libro-Resumen-25%C2%B0-Reuni%C3%B3n-Anual-Red-Pymes-Mercosur.pdf#page=421>. Acessado em 20 de março de 2023.

NEVES, Joyce, DAVEL Eduardo, P, B. Cultura, territorialidade e empreendedorismo: balanço e proposições para pesquisas futuras. **XVII ENECULT**, Salvador –Bahia, 27 a 30 de julho de 2021.

SACHET, Marcos. A. **Abordagens e concepções sobre território**. 1º Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SACHET, Marcos. Território, cooperação e desenvolvimento territorial: contribuições para interpretar a América Latina. In; **Processo de cooperação e solidariedade na América Latina**. 1 edição.Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.



RELISE

102

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6^o Ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

SEBRAE/PR. IDMPE - **Índice de Desenvolvimento Municipal da Micro e Pequena Empresa no Paraná 2011**. Curitiba: SEBRAE/PR. 2012. 100 p.